



A VOZ NO ENTRONCAMENTO TEÓRICO DA PSICANÁLISE E DA ANÁLISE DO DISCURSO

VOICE IN THEORETICAL ROUND OF PSYCHOANALYSIS AND ANALYSIS OF SPEECH

Maurício Eugênio MALISKA¹

Teodulino Mangueira ROSENDO²

Manoella BORGES³

¹ Mestre (2002) e doutor (2008) em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio de doutorado (sanduíche) na École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie - Université Paris VII (Denis Diderot). Doutor em Psicologia (2014) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor de Psicanálise no curso de graduação em Psicologia e no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (UNISUL). E-mail: mmaliska@yahoo.com.br

² Doutorando em Ciências da Linguagem – UNISUL (2016). Mestre em Métodos e Gestão da Avaliação- UFSC (2015). Membro do Grupo Pesquisa Psicanálise e Linguagem – UNISUL (2016). Professor de Língua Portuguesa nas redes estadual e municipal de Triunfo-PB. Bolsista da Agetec (2018). E-mail: teomangueira@hotmail.com

³ Graduanda em Psicologia – UNISUL. Bolsista Agetec (2018). E-mail: manoellacgborges@gmail.com





RESUMO

A voz exerce grande significação na prática clínica da psicanálise, ocupando um lugar de expressivo relevo na constituição do sujeito — este, por sua vez, é clivado pela condição do inconsciente, constituindo-se não senhor do seu dizer. Essa constatação estabelece a não unicidade do sujeito, uma cisão entre o que ele diz e o que ele pensa, sobressaindo o equívoco como dimensão fundante da linguagem. No plano do discurso, a voz pode ser destacada como materialidade significativa, como materialidade vocal produzida no corpo humano e funcionando por meio dos seus efeitos de sentido, que marcam a sua posição material na ordem da subjetividade. Essas proposições nos demandam, como objetivo, neste estudo, elucidar alguns pontos que resumem as discussões sobre a temática da voz, marcando cada disciplina com o seu devido arcabouço teórico.

PALAVRAS-CHAVES

voz; psicanálise; Análise de Discurso.

ABSTRACT

The voice has great significance in the clinical practice of psychoanalysis, occupying a place of expressive prominence in the constitution of the subject - this in turn is cleaved by the condition of the unconscious, constituting no lord of its saying. This finding establishes the uniqueness of the subject, a split between what he says and what he thinks, highlighting the mistake as the founding dimension of language. In the discourse plane, the voice can be highlighted as significant materiality, as vocal materiality produced in



the human body and functioning through its effects of meaning marking its material position in the order of subjectivity. These propositions require us, in this study, to elucidate some points that summarize the discussions on the theme of voice, marking each discipline with its proper theoretical framework.

KEYWORDS

voice;psychoanalysis;Discourse Analysis.

1. INTRODUÇÃO

No texto *Voz do Eco*, Erik Porge (2014) traz reflexões sobre a concepção lacaniana da voz enquanto objeto pulsional⁴ e sobre os elementos que a compõem, propondo pensar em um estádio do eco, ao que esclarece o seguinte: “[f]alar de um estádio do eco é uma forma de reagrupar fatos já conhecidos e de estabelecer laços entre eles, a fim de fazer que sejam entendidos de outro modo” (PORGE, 2014, p. 21). O autor apresenta e classifica os objetos da demanda (seio e fezes) e os objetos de desejo (olhar e voz), citando a pulsão invocante como primordial à prática psicanalítica, que se dá pelo processo de escuta e de silêncio do analista e a fala do analisante.

Nesse sentido, é importante destacar que a voz (objeto vocal) é singular, é única em sua sonoridade e se caracteriza como um resto, sendo separada da pulsão invocante com a qual tem relação. Assim, enquanto sobra, ela é, segundo Maliska (2017, p. 214), “um dejetto corporal”, de maneira que, cada vez que falamos, perdemos a voz. Do contrário, a reteríamos, ficando calados,

⁴ Lacan, no seminário *O Sintoma* (2007), afirma: que “as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer”.



embora, nessa relação, o movimento de perder seja produtivo, porque nos faz desejar: “[e]ntão a voz é um dejetivo do corpo, essa letra que, por vezes, atrapalha o sujeito quando este pretende falar, e que por vezes, pode servir-lhe como suporte material para a fala, mas para este último acontecer ela tem que ser dejetada, para dar lugar à fala” (MALISKA, 2017, p.214-215).


Convém pontuar que a voz não se reduz e não se dá ao significante, conforme esclarece Harari (1997), fazendo menção a uma afirmação de Lacan: “a voz é efeito do significante” (HARARI, 1997, p.188). A isso, acrescentamos que ela é parte integrante do corpo, aquilo que sai dele; igualmente, é um corpo que se aparta para o outro, ou seja, aponta para uma relação com o outro, causa do desejo. Nessa ótica, Porge (2014) menciona a promoção da voz ao objeto a (objeto causa de desejo): “[e]la é um resto não redutível ao significante, mas essencial à sua articulação como o que lhe sustenta a passagem. A voz não está ainda isolada como objeto *a*, mas já toma um lugar particular em função do significante, mas sem se reduzir a ele” (PORGE, 2014, p.48).

Dessa forma, a voz é corpo, porque é produzida no aparelho fonador, mas é concebida como uma linguagem, um substrato da fala: “[a] voz vem no lugar do que, do sujeito, é indizível, seu mais de gozar” (PORGE, 2014, p.56). Em que gozar é a busca por um prazer sem fim, algo que não se alcança.

Observa-se que os estudos da voz, na Psicanálise, ocupam um lugar incomum, se colocando na clínica como um real do corpo, uma presença que assume, por vezes, a condição de “corpo silêncio que suscita a voz do outro” (PORGE, 2014, p.112).

Na mesma perspectiva, Didier-Weill (1997) assevera a condição indeclinável da voz na prática clínica, assumindo lugar de destaque na constituição do sujeito – no que concerne à construção do fantasma, do





sintoma e da própria pulsionalidade. O aspecto sonoro da voz traz o imaginário: conforme o autor, uma imagem é formada como efeito da realidade da voz; nesse sentido, ela é inequívoca. Adiante, retomamos esta questão para pensarmos uma aproximação com o discurso, ainda que essa seja, termo a termo, tão pouco conclusiva.

Pelo que precede, a voz é o registro marcante que dá à psicanálise o lugar de uma escuta; o lugar de recordar (as memórias do trauma), de repetir (pôr em cena o sintoma) e de elaborar o que seria a função da análise, conforme o ensinamento freudiano. Nessa experiência, as posições do analista e do analisante estão postas, sendo marcadas, no primeiro, pelo desejo de dar voz ao Outro, de dar voz aos sintomas. Concordamos, aqui, com Lombardi (2017, p.45): “[o] objeto voz se impõe para Lacan pela experiência clínica das psicoses. Estou tentando dizer que o grande segredo da psicanálise é que o desejo do analista é incitado pelo desejo na psicose”. No segundo (o analisante), há o desejo de que a voz do Outro possa ser rebaixada, substituída ou anulada, estando em questão, aí, a voz na dimensão do desejo do Outro.

É fundamental reiterar que a voz se nos apresenta como temática de estudo de múltiplos campos do conhecimento, como, por exemplo, a Foniatria, a Fonoaudiologia, a Linguística, a Antropologia, a Psicanálise, a Literatura etc. Seguindo pela via da multidisciplinaridade própria da voz, nos propomos desdobrar pontos fundamentais de uma possível articulação teórica em torno desse objeto, envolvendo a Psicanálise e a Análise de Discurso.

Logo, neste trabalho, partimos da assertiva de que a voz é heteróclita, excêntrica, singular e extravagante. Transborda para o exterior, se caracterizando como inapreensível e indizível, apesar dos estudos empreendidos pelas diversas ciências.



Por essa direção, podemos considerar o efeito da voz na clave do que Pêcheux (1997) aponta como o real da língua, na medida em que a voz está inscrita na categoria de letra, em que existe, na língua, um elemento inexorável, impossível, que escapa aos efeitos de significação. A partir disso, concebemos a voz como esse efeito do e no real da língua, sendo possível pensá-la como corpo, não propriamente um corpo biológico, anatomo-fisiológico, mas um corpo simbólico constituído e atravessado pelas insígnias do discurso.

Tomaremos o objeto voz na sua articulação com o discurso e com o inconsciente, ainda com o corpo e a pulsão, ambos advindos da Psicanálise. A voz, nesse percurso, irá oscilar entre o puro som, o corpo no qual ela é levada a um tempo mítico de caos e indefinição, sem ordem nem lei, em que impera o real sonoro, por um lado; e na sua articulação com a ordem significante, com a fala, com a lei, em que impera a língua, a fala, o discurso e a ordem, por outro. Entre essas duas polarizações, a voz desponta como aquilo que está no princípio e no fim, aquilo que marca o sujeito nos primórdios da sua constituição subjetiva.

2. A VOZ EM TEORIA

A princípio, cabe assinalar que Freud, já em sua experiência particular com a hipnose, trouxe, para a Psicanálise, a temática da voz na ordem daquilo em que ela opera enquanto comando sobre o sintoma. Ali, o mestre vienense já escutava, sem saber, a importância da voz como comando superegóico. Posteriormente, Lacan vai separá-la como um objeto da pulsão invocante a partir das vozes alucinadas na sua experiência com pacientes psicóticos.

Conforme já apontamos na Introdução, a voz exerce grande significação na prática clínica da psicanálise, ocupando um lugar de expressivo relevo



na constituição do sujeito – este, por sua vez, é clivado pela condição do inconsciente, tornando-se não soberano sobre o seu dizer. Nas palavras de Maliska (2017, p. 211), esse fato determina a não unicidade do sujeito, o hiato entre o que ele diz e o que ele pensou almeja dizer. Há sempre, nessa esfera imaginária, totalitária, um equívoco que é a própria dimensão da linguagem, não transparente e não representável. Assevera o autor que “[a] Psicanálise e a Análise de Discurso sempre souberam disso e construíram seus edifícios teóricos a partir dessa opacidade da linguagem” (MALISKA, 2017, p. 211). Evidentemente, nesse modelo que aproxima as duas disciplinas, a linguagem é tomada não como código ou transmissão de informação, e o sujeito não é efetivamente consciente e absoluto, fato que não permitiria sua oscilação ou duplicidade, falha e conseqüentemente, efeitos de sentidos variados sendo tecidos no processo discursivo.

Tratando do ato falho, como exemplificação dessa oscilação entre o eu e o sujeito do inconsciente, afirma Maliska (2017) que

[p]or ser falho, este ato mostra a divisão do sujeito enquanto cindido pela lei da linguagem. Ser falho é estar no campo da linguagem que constitui o sujeito. Por estar no campo da linguagem, o ato falho está submetido às falácias, aos desencontros, as falhas da linguagem que mostram sua incompletude e a opacidade que o produz (MALISKA, 2017, p.212).

A voz, como um objeto da pulsão invocante – e, de acordo com Lacan (1988, p. 102), “a pulsão invocante é a mais próxima da experiência inconsciente” –, tem aproximação com o trabalho freudiano sobre a “linguagem estruturada”, nos termos de Lacan (2003 [1972] p. 492). Nessa vertente, *ela é uma marca que se faz corpo*, que presentifica “um ato político que não



está no discurso, está no corpo produzindo efeitos no discurso” (MALISKA, 2017, p.217, destaque nosso), e, nessa linguagem, em que também reside a língua, o sujeito aí está posto na condição do inconsciente.

Segundo Bastos (2014), entre o corpo e a voz, instala-se uma fratura experimentada no exercício da fala, que mostra a exterioridade da voz e que cinde o falante entre emissor e receptor, entre enunciação e enunciado:


[a]o ouvir a gravação de sua voz no mais requintado equipamento tecnológico, o falante confronta-se com algo desconhecido (inaudito): identifica seu enunciado, reconhece que disse aquilo, mas no que disse, em sua prosódia ou em seu tom de voz, há algo que se furta à apreensão daquela emissão como sua, surge um quê de estranheza irreduzível (BASTOS, 2014, 67).

Citando Miller, Bastos (2014) traz, em seu estudo, a afirmação de que os surdos escutam uma “voz íntima, o que indica seu caráter afonésico” (MILLER, 1989 *apud* BASTOS, 2014, p. 27), justificando que “[e]ste objeto que vocifera mostra sua dependência à materialidade do significante que afeta o corpo. Por essa materialidade, o significante não é apenas ouvido, mas é falado, lido, escrito, ressoa no corpo” (BASTOS, 2014, p.68).

Bastos esclarece que a aparição dessas vozes nas psicoses revela sua exterioridade, mas, também, a presença auditivada e íntima. “Quando a voz não se incorpora, transforma-se no que Lacan chamou de vozes perdidas das psicoses, perdidas da cadeia significante, desencadeadas, perdidas no real [...]” (BASTOS, 2014, p.68).

Assim, como corpo, a voz, na condição de objeto *a*, abriga também o real, “o Real do corpo como o lugar em que a linguagem não acessa, onde o significante não se inscreve” [...] (MALISKA, 2017, p.213); ela rompe com a





inscrição delimitadora do corpo imaginário, tratado por Lacan (1998 [1949]) no *Estádio do Espelho*. Esse corpo em questão é uma projeção, ilusão que vem do outro especular, e em que “o eu se identifica como uma imagem [...] imagem do corpo e, conseqüentemente, do eu” (MALISKA, 2017, p.213).

Igualmente, esse corpo é também simbólico, vem do Outro, da linguagem, rompe com a evidência especular da imago. É [...] “aquele das inscrições significantes, das marcas que o simbolizam e fazem com que este corpo fale submetido a um discurso que o constitui” (MALISKA, 2017, p.213).

Desse modo, como afirma Maliska (2017), a voz que é resto, fragmento, estilhaço, não se dá como totalitária, mas sempre parcial. E, pelo que precede temos os elementos da queda desse objeto, do desprendimento desse corpo, da não unidade que ele possa compor, desse ganhar em se perder (eis o produtivo da voz), habitando sobre este corpo a falta, que representa o desejo, portanto a voz na psicanálise é a causa.

O próprio sujeito é um ser de desejo e de falta, designação lacaniana que nos permite pensar em furos, em falhas. Ora, essas marcações se materializam, no nível do discurso, como um encontro de furos: o da linguagem, reproduzido pelo equívoco; o da ideologia, pela contradição, e o do inconsciente, pelos atos falhos, chistes...

Logo, pelos caminhos da linguagem o sujeito vai se inscrevendo na rede de significantes, provocando deslocamentos e se significando por meio desse jogo em que algo sempre escapa e produz efeitos. O sujeito é demandado pelo Outro, afinal é a voz que vem dele que lhe dá os sentidos do mundo que ele ainda vai descobrir, teleguiado pela voz desse Outro, marcando a partir disso sua posição subjetiva, que inicialmente não será de negação.



Ponderar, nesse viés, a voz como um corpo simbólico nos aproxima de Orlandi (2012, p.86) ao tratar de um corpo que significa e que traz marcas materiais quando interpelado em sujeito. Reitera a autora que: “Por exemplo, um sujeito, pego em silêncio, muda imediatamente sua postura corporal [...] se apresenta com um corpo que significa seu silêncio e se significa nesse silêncio”. O silêncio também constitui esse corpo na medida em que ele o marca como ausência.

O desafio dessa construção é explicitar como o silêncio se manifesta como ele se dá, como se aproxima da noção de equívoco e de esquecimento, termos trabalhados por Pêcheux na Análise de Discurso. Decorre dessa constatação o fato de, na busca por explicá-lo, acabarmos reduzindo os efeitos de sentido que ele produz, assim recorreremos a Orlandi (2007) para concluirmos que o silêncio não fala, ele significa.

Logo, é concebível refletir com a autora que estar em silêncio é estar no campo do sentido, no sempre já lá do sentido, é nessa perspectiva que ela o adjetiva de fundador. Ou seja, o silêncio fundador funciona como o equívoco e os sentidos que vão se inscreverem no simbólico se marcam como o real do discurso, são da ordem da equivocidade e da contradição, são incompletude.

O silêncio significador “não é o vazio, nem é o tudo, o sentido é múltiplo, mas não é qualquer um” (ORLANDI, 2007, p.22). Esse movimento dos sentidos tem filiação com o social no qual se inscreve a linguagem, que de forma alguma está solta no vazio, nem se dá como transluzente e que significa pelo simbólico, isso se distancia da representação, do símbolo, do sinal que procuram estabilizá-la em um sempre mesmo sentido.

Ora, pelo que precede o silêncio deve estar articulado com a historicidade, se apresentando pelas pequenas falhas, rupturas, lapsos. Um exemplo dessa



marcação, conforme Orlandi (2007, p. 41), “é o discurso jurídico em que o discurso liberal (todos são iguais perante a lei) produz apagamentos das diferenças constitutivas e reduz o interlocutor ao silêncio”, evidentemente clarificamos, com a autora, que todos os discursos são atravessados pelo silêncio.

Imprime-se com o silêncio a não transparência e o equívoco, noção que pensando no movimento dos sentidos tem uma relação mais estreita com a psicanálise, problematizando outras noções como linearidade, literalidade e completude. Precisamente nesse ponto se justifica repensar as palavras “representação” e “interpretação”, nesse caso o silêncio não seria interpretável, mas compreensível, justamente quando se busca os processos de significação de um texto, conclui Orlandi (2007, p.50).

É possível entender que a materialidade do equívoco é o silêncio, presente em todas as palavras, observando que onde reside o silêncio o sujeito interpreta e onde há palavras o sujeito decodifica, reforçando Orlandi (2007, p.66) a não relação de dependência do silêncio com o dizer para poder significar. Justamente por isso há um corte entre o sentido do silêncio em relação ao da palavra, ou que, um não se deriva da outra.

Pela via da Análise de Discurso, o silêncio é matéria significante e não é definida só por sua relação com o lado sonoro da linguagem, mas também com a significação, com a relação significativa som/sentido, explica Orlandi. Trata-se, então, de pensá-lo na condição de materialidade significante; materialidade vocal – som que se origina no corpo humano (SOUZA, 2017, p.178) que produz efeitos de sentido naquilo que marca a sua posição material como efeito de uma produção subjetiva. Ou seja, há um plano do discurso (o dizer regrado) e a realidade da voz, ambos produzindo o efeito de existência e de presença.




3. DE VOZ EM VOZ

Investigar a voz no entroncamento teórico da Análise do Discurso e da Psicanálise demandou concebê-la como objeto heteróclito discutida em diferentes domínios das ciências humanas. Nesse sentido, ela é linguagem, substrato, um resíduo da fala, conforme Didier-Weill (1997).

Logo, por tudo que se anterioriza pudemos perceber que em relação à Análise do Discurso, os trabalhos em torno da voz têm apontado para discussões que podem ser resumidas nos seguintes pontos abaixo elencados e explorados.

- a. Como materialidade significativa; materialidade vocal – som que se origina no corpo humano, que produz efeitos de sentido naquilo que marca a sua posição material como efeito de uma produção subjetiva (SOUZA, 2017).
- b. A voz só prolifera efeito de subjetividade cantante pela ação do discurso que fala antes e na exterioridade do sujeito que é reconhecido cantando (SOUZA, 2017).

Pontuamos que, para Michel Pêcheux, o discurso é feito de materialidades discursivas, indo além, portanto, da forma que lhe dá a língua e sua estrutura, mas apontando nele o político. Na formulação de Souza (2017), o plano do discurso opera sobre a realidade da voz, e esta opera sobre os discursos, que conferem à voz uma possibilidade de subjetivação. Assegura Pêcheux que “[a] questão teórica *das materialidades discursivas* surge precisamente daquilo que, entre a história, a língua e o inconsciente, resultam como heterogeneidade irreduzível” (PÊCHEUX, 2016, p. 9, grifo do autor).



Nesse seguimento, Souza visibiliza a materialidade do discurso cinematográfico quando tematiza a vida de cantores ou cantoras e em que o acontecimento da voz surge como memória, se presentifica num documentário, por exemplo, se torna reconhecível a existência de um sujeito durante sua exibição. “A voz reconstrói o sujeito cantante de quem se fala na textualidade documental filmica” (SOUZA, 2017, p.179).

Há, em Souza (2017), duas ordens diferentes que se juntam nesse movimento: uma enunciativa, outra discursiva, e por meio delas a voz que irrompe sobre as imagens consegue produzir o efeito de presença do sujeito cantante. Para o reconhecimento desse sujeito imagético-sonoro há pré-construídos funcionando como fio condutor da memória, fazendo aparecer o sujeito de quem se fala, ao que acrescenta Souza (2017), isso só é possível “graças à inscrição da voz no discurso que a ela se remete” (SOUZA, 2017, p.180).

- c. A voz mediante acentuações, ritmos, entonações, aliteraões etc. se faz, se dá a conhecer, a ser reconhecida, pois ela é inequívoca, segundo Maliska(2017) e pode produzir certos efeitos de sentidos que surgem da marca vocálica, apontando para determinadas formações discursivas e não outras.

Essa aproximação da voz na Análise de Discurso nos propõe a dimensão do equívoco, pois aí está posta a condição da incompletude da linguagem matéria da qual é constituído o sujeito e o discurso. Vai sempre haver uma vacilação, oscilação, produzindo uma pluralidade, duplicidade de sentido, saindo do um totalizador da esfera imaginária. Nesse sentido, na psicanálise, o ato falho é assertivo em relação ao inconsciente; por ser falho o ato mostra



o quanto o sujeito é cindido pela lei da linguagem, ser falho é estar no campo da linguagem que constitui o sujeito (Maliska, 2017, p.211-212).


Em outra ótica paralela, Pêcheux (2011) revela o caráter material dos sentidos por meio do assujeitamento ideológico, ou do efeito ideológico elementar em que sujeito e sentido se constituem se constituindo. Dado tal formulação entendemos que o literal não existe, e que a luta de classe é uma luta ideológica pelo direito ao sentido, pelo ato de interpretar enquanto trabalho simbólico do sujeito refletindo o social.

d. O efeito de presença (e de sentido) que a voz produz é tomado como matéria, segundo Souza (2017).

É fundamental argumentarmos, inicialmente, que a matéria (materialidade) discursiva está vinculada ao campo teórico do materialismo histórico, inserido nas formações sociais e nas suas transformações, no arcabouço da teoria das ideologias. Desse modo, para a AD “a matéria é a substância suscetível de receber uma forma”, concluindo que “a materialidade específica da ideologia é o discurso, e a materialidade específica do discurso é a língua”, e que matéria é ao mesmo tempo processo e movimento (PÊCHEUX, 2016, p.12-3).

Diante desse fato, pensar na voz, sobretudo na sua qualidade material de produzir efeito de presença e efeito de sentido, dado o complexo que faz emergir o cantante na e pela materialidade da voz, faz Souza (2017) se debruçar sobre o acontecimento da voz enquanto é falado, tematizado e inscrito na memória do discurso, especificamente do que ele trata no discurso da música popular brasileira.





Buscar o efeito de significação e subjetivação seria, então, numa análise, escutar a voz materialidade no silêncio gritante das palavras e imagens do documento cinematográfico. A forma material, atentando-se para o caráter processual de construção dos sentidos, traz para a cena analisada o sujeito imagético sendo produzido pelo efeito da voz que insere canções no documentário, assim, a memória é materializada no discurso, ou nas palavras de Souza (2017), ela “materializa-se sonoramente o processo discursivo” (SOUZA, 2017, p.184).

- e. “A voz abordada a partir de sua realidade material sonora que faz corpo e só se converte em sujeito mediante o discurso que a ela se remete” (SOUZA, 2017, p.187).

De tal forma, a realidade material da voz evoca um sujeito de que deve advir, mas primeiro ela tem sua realidade material sonora que se faz corpo nessa evocação. “O sonoro da voz traz o imaginário [...] Você diz voz, e logo se cria uma imagem” (DIIDIE-WEILL). No documentário tratado por Souza (2017), as imagens e os sons ganham valor que excede a simples referência e produz a memória de dizeres, a realidade a que se refere no instante em que é exposto para o público.

- f. Considerar ainda o efeito da voz na clave daquilo que Pêcheux (1997) aponta como o real da língua, na medida em que a voz está inscrita *na categoria de letra*, em que há na língua um elemento inexorável, impossível, que escapa aos efeitos de significação, conforme Maliska (2017).




Nesse destaque é preciso examinar a literalidade da voz com a devida atenção, não do que se diz, mas dela própria, *tomando literalidade como aquilo relativo à letra, esse é o lugar em que a metáfora não chega*. Aqui o literal não está no sentido, mas na própria letra, elemento a-significante, em que ela própria não produz sentido algum, [...]“Por isso para falar é preciso passar do vocal para o vocábulo, passar da voz para a palavra, fazer com que a voz se torne fala” (GILLIE, 2015, p.214).

- g. *Do real do corpo podemos chegar à voz*, na medida em que a voz também é esse elemento corp(oral) que é da ordem de um real, pois ela é corpo e um real do corpo (MALISKA, p.213).
- h. A voz como corpo simbólico (corpo de sentidos) constituído e atravessado pelas marcas do discurso (atravessado pela memória).

Trata-se, pois, de um corpo que significa que traz marcas materiais quando interpelado em sujeito. Afirma Maliska (2017, p. 214) que podemos encontrar na topologia lacaniana diversas inscrições para o corpo – desde o corpo imaginário no Estádio do Espelho - o eu se identifica com uma imagem projetada no espelho -, ao corpo simbólico - aquele das inscrições significantes, das marcas que o simbolizam e fazem com que ele seja submetido a um discurso, e por fim há o real do corpo, ali onde o significante escapa. O real do corpo como o lugar em que a linguagem não o acessa, onde o significante não se inscreve.

- i. [...] a voz imprime uma marca, é um ato político que não está no discurso, está no corpo produzindo efeitos no discurso [...]





a voz aparece nesse corpo, nesse real inequívoco e isso toca a dimensão social, histórica, política e discursiva. O corpo nesses fragmentos não é o discursivo, mas aquilo que produz efeitos sobre ele. (MALISKA, 2017, p.218).

É imprescindível destacar que o discurso enquanto prática social e histórica funciona pela relação entre sujeito, ideologia e língua, um tripé produtor dos efeitos, das marcas materiais dos sentidos, nesses o político e o simbólico em constante movimentação se apresentam referenciados pelas práticas sociais. Sob o caráter corporal (material) do discurso às evidências protagonizam a experiência da neutralidade e da transparência da linguagem, exatamente nesse ponto, em relação à voz (corpo), há uma distinção: “O corp(oral) da voz é um marcador que não está na dimensão do equívoco” (MALISKA, p.218).

j. “A voz sem eco é o silêncio” (DIDIER-WEILL, 1997).

Precisamente nesse ponto, é relevante trazermos o debate da Orlandi (2007) sobre o vínculo da linguagem com o silêncio quando considera que ele é constitutivo e assume formas diferentes de se significar. Estar em silêncio é estar no sentido, naquilo que ela nomeia de silêncio fundador, um sempre já-lá que se fixa sobre todos os dizeres, se apresentando como condição do sentido e da significação, pensado na ótica do equívoco.

A materialidade do equívoco é o silêncio, afirma Orlandi (2007). Logo, ele atravessa toda a linguagem se impondo nos processos de significação como fundamental, como uma voz sem eco, mas uma voz que se presentifica na constituição dos dizeres, uma voz-silêncio que é matéria significante.




Em relação à Psicanálise, as discussões em torno da voz podem ser, de forma sucinta, destacadas nos seguintes pontos.

- I. A voz como imprescindível na prática clínica, assumindo lugar de destaque na constituição do sujeito — no que concerne a construção do fantasma, do sintoma e da própria pulsionalidade.
- II. O objeto voz se impõe para Lacan pela experiência clínica das psicoses. É através da experiência clínica com as alucinações psicóticas que Lacan chega à voz como objeto *a* da pulsão invocante.
- III. “Mas, para chamar, é preciso dar voz, depô-la, como depomos o olhar diante de um quadro. [...] é preciso que o sujeito a tenha recebido do outro [...] interpretado como uma demanda. É preciso também que, posteriormente, ele a tenha esquecido, a fim de poder dispor de sua própria voz sem estar saturado da voz do outro” (VIVES, 2009, p. 330).
- IV. A voz no exercício da psicanálise entendida como um real do próprio ato analítico mostra que na prática clínica o sujeito gagueja, hesita e se extasia nas aliterações, nos picos prosódicos, naquilo que a voz emerge do sujeito como corpo pulsional de sua constituição.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A voz, no caminho pelo qual traçamos neste trabalho, se move de um polo em que se apresenta como corpo a outro polo, do qual ela se aproxima em ordem significativa com a fala, em que advém como possibilidade a matéria simbólica do discurso. Esses dois polos de aproximações e distanciamentos





podem ser operacionalizados, trazendo para as distintas disciplinas (Análise Discurso e Psicanálise) avanços.

Pelo que precede, a voz como um corpo simbólico que reside no real da língua que não se deixa aprisionar pela significação, é nas palavras de Maliska (2017, p.217) um ato político, ela imprime uma marca que não está no discurso, mas como corpo produz efeitos no discurso. Ora, para Pêcheux (1969) discurso é efeito de sentidos entre interlocutores, sentidos que se constituem na relação com o sujeito e sua dimensão histórica, social, política.

Esse corpo voz, que pode ser materializado pelo significante, produz então seus efeitos sobre o discurso, em um processo pelo qual o sujeito se inscreve na linguagem, cujas estruturas são de poder, e na possibilidade do equívoco e da contradição, da incompletude faz transbordar pelo inconsciente desses sujeitos sentidos diversos. Diz Orlandi (1987, p. 26) que a Análise do Discurso é privilegiada porque o discurso é “[...] a instanciação do modo de se produzir linguagem, isto é no processo discursivo se explica o modo de existência da linguagem que é social”.

A voz pela viabilidade da linguagem como trabalho aponta para a existência de falhas, de lapsos no ritual, conforme Orlandi (2012), e o que outrora retumba como um não-sentido, passa a ser na pluralidade um outro sentido. Se a Análise do Discurso está envolta da questão do sentido que se produz no silenciamento da voz, a Psicanálise está buscando a quebra do sentido pela voz que se mostra em silêncio. Nesse ponto, a Análise do discurso extrai do discurso e seu modo de funcionamento, e Psicanálise extrai da voz o seu real, seja em silêncio ou como um real do corpo.



REFERÊNCIAS

BASTOS, A. **A voz na experiência psicanalítica**. Rio de Janeiro. *Âgora*, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 1, jan./jun. 2014.

DIDIER-WEILL, A. **Os três tempos da lei**: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HARARI, R. **O Seminário “A Angústia” de Lacan**: uma introdução. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1997.

LOMBARDI, G. O Desejo da Análise e a Pulsão Invocante. In: MALISKA, M. E.; SOUZA, P.(Org.). **Abordagens da Voz a partir da Análise de Discurso e da Psicanálise**. Campinas, SP: Pontes, 2017.

MALISKA, M. E. **A voz: um corpo que não engana?**. In:FLORES, G. *et al.* (Org.). **Análise de Discurso em Rede**: Cultura e Mídia. Campinas-SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. **As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **Analyse Automatique du Discours**, Paris: Dunod, 1969.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2. ed. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.



_____. As massas populares são um objeto inanimado? In: ORLANDI, Eni (Org). **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. Campinas: Pontes, 2011.

_____. Questões Iniciais. In: CONEIN, B. *et al.* (Org.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Unicamp, 2016.

PORGE, Erik. **Voz do eco**. Tradução de Viviane Veras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

SANTOS, V.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos acadêmicos**: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: Editora Age, 2006.

SOUZA, P. A vida de cantores em documentário: voz e subjetivação. In: MALISKA, M. E.; SOUZA, P. (Org.). **Abordagens da voz a partir da Análise de Discurso e da Psicanálise**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

VIVES, J. M. Para introduzir a questão da pulsão invocante. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 329-41, jun. 2009.